

Noventa mil toneladas de soja tipo exportação

DF-agricultura

*6 OUT 1997

CORREIO BRAZILIENSE

Do chão do cerrado para o porto de Roterdã, na Holanda. Esse é um dos caminhos que percorre a soja colhida em Brasília. Pelo menos 90% de uma produção que atingiu a marca das 90 mil toneladas na última safra — a maior parte colhida em Planaltina — vai para fora do Distrito Federal. E segue para os estados de Goiás, Minas Gerais e São Paulo, ou atravessa o oceano Atlântico para abastecer os países do Mercado Comum Europeu. Também é produto apreciado no Japão, garantem os exportadores.

“A soja do cerrado tem um teor maior de óleo por conta da luminosidade da região e por isso é de muito boa qualidade”, afirma o gerente da ADM, Guilherme Filho. A empresa onde ele trabalha compra a soja dos produtores locais e revende no mercado internacional.

É difícil chegar a um valor preciso na hora de se expressar em números o faturamento com a exportação da soja local. Os produtores que não tinham dinheiro para o plantio da última safra receberam adiantado o pagamento pelos grãos que colheariam depois. Para esses, cada saca não chegou a render R\$ 10.

Mas quem ainda tem o produto armazenado pode receber até R\$ 17 por saca, preço pago atualmente pelo mercado internacional, que vive uma das maiores altas da história da soja. Tirando-se uma média dos valores pagos pelo produto, as 90 mil toneladas do Distrito Federal valem nada menos do que R\$ 21 milhões.

TREM E NAVIO

O preço alto da saca de soja é apenas um dos fatores que estimulam a exportação do produto. A isenção de Imposto sobre Circula-



Agrônomo Marcelo Leal mostra os 90 hectares de soja cultivadas mesmo na entressafra, graças à irrigação

ção de Mercadorias e Serviços — garantida pela Lei Kandir à produção que vai para fora do país — também dá um empurrão. E mesmo no mercado interno, não há indústrias de beneficiamento de soja no Distrito Federal. Por isso, a produção local é vendida para outros estados.

Esse ano, a ADM — antiga Glencore — já mandou para fora do país 38 mil toneladas de soja. Parte dessa mercadoria foi de trem até o Porto de Vitória (ES). Por falta de vagões, o restante percorreu de caminho os 720 quilômetros que sepa-

ram Brasília de Belo Horizonte.

Assim como os grãos que produzem, muitos dos agricultores da região de Planaltina viajaram muito antes de chegar onde estão agora. No núcleo rural do PAD-DF (Projeto Integrado Assentamento Dirigido do Distrito Federal), onde ficam as grandes lavouras de soja de Brasília, a maioria dos produtores veio do Sul.

Foi em 1974 que o então secretário de Agricultura do governo de Elmo Serejo Farias, Pedro do Carmo Dantas, trouxe do Rio Grande do Sul 20 famílias de agricultores para for-

mar o PAD-DF. Com eles, vieram máquinas, equipamentos e experiência no trato com a lavoura. Hoje, lá estão também paranaenses e candangos de outras origens.

Para se ter uma idéia do que é o PAD-DF atualmente, a Cooperativa Agropecuária da Região do Distrito Federal Ltda. (Coopa-DF), conta hoje com mais de cem agregados. Pelo menos 50 são do PAD-DF e o restante se distribui pelos núcleos rurais Jardim e Rio Preto, também grandes produtores de grãos, e por municípios do Entorno.

Na última safra, a Coopa-DF ad-

ministrou 13,8 mil toneladas, quantidade que reúne apenas parte da produção de seus agregados. Entre eles, está o maior produtor da região, o deputado distrital Luiz Estevão. Em suas fazendas, a área de plantio soma 2,5 mil hectares e a colheita reúne uma média de 150 mil sacas.

PIVÔ NA ENTRESSAFRA

Até a semente que será utilizada na próxima safra é produzida por lá. Num espaço de 90 hectares cravado no meio da fazenda, florescem fora de época os milhares de pés que vão garantir o plantio a partir do mês que vem. É um cinturão verde raro de se ver nessa época do ano, período de entressafra do produto. “Mas é graças ao pivô central, uma técnica de irrigação, que conseguimos produzir fora de época”, explica o agrônomo da fazenda, Marcelo Leal Ferreira.

Revelar o lucro da atividade ainda é um tabu. “De 70% a 80% da safra já estava comercializada antes do plantio. Não deu para aproveitar os bons preços”, argumenta o agrônomo. “Trabalhar apenas com grãos não compensa”, completa Ronaldo Cirilo Tracca, outro grande produtor da região.

No PAD-DF, como em quase todo o país, os agricultores reclamam também das dívidas. Por aqui, um dos fantasmas que assombra a conta bancária dos produtores é o Fundo Constitucional de Financiamento do Centro Oeste (FCO). Com pesados juros, o financiamento está transformando os homens do campo em inadimplentes. “Será preciso mais umas duas safras com preços tão bons quanto essa para que os produtores se recuperem”, avalia Guilherme Filho, da ADM.